

LEITURAS SIGNIFICATIVAS: A CONSTRUÇÃO DE MUNDOS EM ESPAÇOS, AFETOS E CORPOS EM DIÁLOGO

Data de aceite: 01/12/2023

Fernanda Maria Macahiba Massagardi

1. INTRODUÇÃO: ESPAÇOS DO EXISTIR

Ao nascermos, encontramos múltiplos espaços que foram constituídos pelas gerações passadas. Não apenas espaços externos, mas também internos: crenças, valores e afetividades com os quais convivemos, gerando construções internas, na medida em que percebemos, apreciamos, adotamos e ressignificamos ou não as informações que chegam até nós. Nesse processo, vale apontar a importância do tempo histórico, cultural e social dos grupos e indivíduos.

Com o passar dos anos, criamos nossos lugares físicos, caracterizando-os a partir de seleções e apreciações de objetos que, apesar de materiais, transcendem a matéria e estão imbuídos de subjetividades e afetos. Temos, portanto, espaços em casa e no trabalho, por exemplo, que falam de nós para aqueles que os acessam.

Perceba, leitor, como escritórios ou quartos de pessoas diferentes são organizados de formas diversas, bem como os objetos ali dispostos. Na medida em que habitamos as coisas, elas também passam a habitar e constituir o nosso eu. Uma experiência singular é a de levantar questões, juntos às pessoas que convivem em nossos espaços de trânsito e estadia, sobre os objetos que habitam nossos espaços e permitem uma leitura de quem somos. Objetos que possibilitem identificar aspectos de nossa personalidade ou caráter estético que nos caracteriza. Convido-o a escolher um cômodo de casa cujos objetos que o compõem sejam fruto de uma escolha pessoal. O quarto é um dos espaços que, geralmente, traz informações ricas de seu habitante. De uma perspectiva individual, quais elementos permitem uma leitura de sua pessoa? Algum objeto especial o caracteriza? Faça essa pergunta aos seus amigos e conhecidos. Certamente se surpreenderá com as respostas.

É fato que o mundo interno e o externo dialogam mais do que imaginamos.

O corpo é a membrana que, à primeira vista, separa essas realidades. Entretanto, se nossos objetos são revestidos de uma “pele” que nos identifica, podemos dizer que possivelmente o diálogo entre o interno e o externo não implica em um corpo que os separa, mas sim os une, em prolongamento. Se sentimos a natureza externa e objetos por meio de nossos sentidos, valorando-os, não é ilógico afirmar que a alma de todas as coisas transita.

Nosso nível de consciência é ampliado na medida em que percebemos e lemos os mundos que fazem parte de nossa existência. Também o inconsciente pode emanar informações e sensações, através de estímulos, trazendo à consciência novas possibilidades e realidades. Vale ressaltar que para Jung:

[...] há aspectos inconscientes na nossa percepção da realidade. O primeiro deles é o fato de que, mesmo quando nossos sentidos reagem a fenômenos reais e sensações visuais e auditivas, tudo isso, de certo modo, é transposto da esfera da realidade para a da mente. Dentro da mente esses fenômenos tornam-se acontecimentos psíquicos. (Jung, 2008, p. 21).

Assim, compomos nossa realidade a partir de leituras e sentires que nos encontram diariamente em subjetividades, gerando um universo de possibilidades na existência.

2. LEITURA DO CORPO

Todo corpo nos conta uma história, a história de seu “dono”. Assim, podemos ler, observando determinadas posturas de uma pessoa, as impressões nela impressas: costas eretas, curvadas, maneira de andar, de movimentar as mãos, de cumprimentar, olhar etc. As cicatrizes físicas e psicológicas, bem como o formato do corpo, também nos contam sobre o percurso do indivíduo no mundo. “Cada pessoa é um olhar lançado ao mundo e um objeto visível ao olhar do mundo. Cada corpo dispõe de um jeito de olhar que lhe é próprio e essa particularidade condiciona também sua visibilidade como corpo diferente dos outros.” (Moisés, *apud*, Novaes, 1988, p.327)

Ademais, os ritmos diários transcrevem uma sinfonia de vida. Ritmo interno, dos órgãos, das emoções, da respiração, de nossa corrente sanguínea e dos percursos que desenhamos a cada instante em deslocamentos do caminhar, correr, abraçar, além de todas as outras possibilidades que nossos corpos oferecem para que tenhamos e mantenhamos nossa relação com o mundo.

Pergunto:

- Como seria realizar um vídeo de sua semana, mês e ano? Que ritmo ele teria? Os passos de seu cotidiano são lentos ou apressados? Por onde caminham? E as batidas do coração? Qual o trajeto seu corpo percorre? Que mensagem ele inscreve no ambiente em que vive?

Para além do supracitado, é perceptível a forma pela qual um estado de ânimo interfere em nossa manifestação corporal do mundo.

Como sua alma percebe seu corpo? Ato amoroso e agressivo o atingem fisicamente de qual forma? A taquicardia, a dor de cabeça, de estômago e a sudorese, por exemplo, são estimulados de que forma em sua vida? Qual a causa desses sintomas? Estão associados a alguma emoção como medo, alegria, raiva ou tristeza? Ou não?

O que o espelho diz diariamente para um rosto que, aparentemente, é o mesmo? Será, de fato, o mesmo? Terão os estímulos do ambiente uma influência sobre seu corpo? Somos os mesmos e, ao mesmo tempo, não somos.

Kast faz uma analogia:

O que mais gosto é aquilo que perdura, mas também muda, como o mar, por exemplo: ele é sempre o mesmo, mas é sempre diferente. As mesmas ondas, a mesma água – mas em seu contexto de luz e clima ele sempre apresenta um rosto diferente, um caráter diferente. Gosto dos ritmos, na música e na vida – mesmo quando o mesmo se repete. Ambas, a transformação e a constância, são importantes para mim. (Kast, 2016, p. 8).

É fato que cada indivíduo tem seu tempo e cadência para vivenciar determinadas situações e se manifestar no mundo de acordo com sua personalidade e essência. Mas e quando o ritmo individual é interrompido por alguma circunstância e nos vemos obrigados a aderir aos modelos impostos? Sofre nossa alma, mas também o corpo. Reich (Boadela, 1985) afirmou que, durante a nossa vida, quando somos submetidos a violências físicas e psicológicas, criamos espécies de couraças, que se manifestam em dores e contrações musculares. Dividiu em anéis as áreas do corpo que são afetadas no decorrer dos anos, em uma somatória de dores. Lowen (2020), considerando os estudos de Reich, criou o método da bioenergética, que consiste em uma série de exercícios que têm por finalidade romper as couraças e devolver ao corpo a fluidez de energias necessárias para que haja o bem-estar físico, que é refletido no bem-estar psíquico.

Em um curso de extensão realizado na Universidade Federal do Tocantins em janeiro de 2023, intitulado “Encéfalo, corpo e experiência estética”, sessenta participantes foram incentivados a realizar atividades corporais e lúdicas, de forma a estimular o desaparecimento de eventuais couraças. Após a experiência, receberam o convite para responderem a um questionário estruturado. Ministrado pela autora deste texto, os resultados surpreendem. Cem por cento das pessoas afirmaram sentir uma melhora significativa em níveis de humor e relaxamento físico no dia da atividade e nos subsequentes. E várias manifestaram surpresa por terem uma noite de sono tranquila, após experiências contínuas com a insônia e ansiedade. Concluímos que carregamos dores físicas sem um olhar atento para elas, como seria o esperado. E muitas são resultantes de profundas dores e condições psíquicas.

Vale ressaltar o contraste do adulto com a criança. Quando observamos os pequenos brincando, é notável como seus corpos possuem flexibilidade, espontaneidade e poesia. Com o passar dos anos, gradualmente, perdemos a capacidade de manifestação

e expansão no espaço. Recolhemos nossa alma e, conseqüentemente, nosso corpo, com medos, mágoas e restrições.

Nossas memórias vividas e processadas no encéfalo migram para nosso corpo e, muitas vezes, o adoecem. Entretanto, é possível reverter o quadro que se apresenta, a partir de propostas como as de Lowen (2020), que promovem uma reescrita no corpo no espaço, propiciando novas leituras do eu.

Assim, se faz imprescindível a consciência corporal, a leitura crítica do corpo. E, a partir de então, a realização de escolhas que prezem por um desenvolvimento de autoestima e autocuidado, que impulsionam a melhoria de qualidade de vida diante dos enfrentamentos afetivos e inevitáveis embates da existência humana.

3. LEITURA DE TEXTO

Por volta dos sete anos, é dado início às crianças o desvendar das letras e escrita. Mas o que é ler? E escrever? Decodificar um texto não implica saber ler as palavras que o compõem, mas percebê-las e interpretá-las. Como foi o seu processo de alfabetização?

As experiências de mundo são fundamentais para a palavra escrita, que concretiza ideias. E a palavra escrita implica uma leitura que é originária na leitura do mundo. Dessa forma:

[...] o domínio da leitura pelo indivíduo é fenômeno que ultrapassa de muito a mera alfabetização. Ou melhor, a “alfabetização” deixou de ser vista como simples aquisição de habilidade mecânica (que se desenvolvia ao nível superficial do texto), para ser entendida como possibilidade de penetração “nos horizontes culturais que fazem parte do mundo da escrita.” (Coelho, 1991, p. 8).

Também o tempo e as vivências têm importância ímpar neste processo. Muitas vezes, um mesmo livro, lido em épocas diferentes de nossa existência, promovem percepções outras. Ou seja, o caminho da formação do leitor é transformador e contínuo. As páginas que conhecemos, quando somadas, dão origem não apenas ao nosso saber, mas, para além deste, refletem nossas curadorias e preferências. Podem constituir um *corpus* subjetivo do eu, formando-o e transformando-o. Geraldi explica:

O primeiro livro que lemos não foi aquele que lemos ontem ou aquele de que ouvimos uma conferência na semana passada. O respeito pelos passos e pela caminhada do aluno leitor (que se faz pelas suas leituras como nós nos fazemos leitores por nossas leituras) é essencial. Nesta caminhada é importante considerar que o enredo enreda o leitor. (Geraldi, 1984, p.31)

Dessa maneira, obra, autor e leitor conversam, gerando leituras múltiplas. Nem sempre o que o autor escreveu é o que o leitor interpreta. Assim, a obra, mediadora, é polissêmica, ou seja, possui sentidos diversos e leituras. Não é estanque, pode variar e mutar. Candido explica:

Se a obra é mediadora entre o autor e o público, este é mediador entre o autor e a obra, na medida em que o autor só adquire plena consciência da obra quando ela lhe é *mostrada* através da reação de terceiros. (Candido, 1975, p. 78)

Assim, o meio social e o indivíduo exercem influência sobre a obra de arte, mas esta também interfere no meio. (Candido, 1975).

Se o universo da leitura, em muitos casos, teoricamente é fictício e subjetivo, próprio da imaginação de um autor, é fato que este é fortemente influenciado por situações da vida real. Também é o autor um agente transformador de realidades. Afinal, ao ler um livro, somos transportados para um universo que pode narrar circunstâncias próximas ou idênticas às cenas de nossa existência. E o poder estruturador da palavra faz com que o leitor seja capaz de ordenar pensamentos, sentimentos e sonhos, ordenando, desta forma, sua própria noção e presença no mundo. Quantas pessoas, por exemplo, conhecem ou já estiveram no lugar de Capitu, personagem de “Dom Casmurro”, com um marido desconfiado? Ou brincaram de subir em árvores na infância, como as personagens do “Sítio do Picapau Amarelo?” E, quem sabe, sonharam em desbravar o mar, em “20 mil léguas submarinas?” Serão as leituras dos livros possibilidades de ser em realidade? Ou apenas sonhos e imaginação?

Considerando o acima exposto, conclui-se que, em especial, os textos literários são matéria preciosa e complexa de estudos, pois neles coexistem a visão de mundo, a matéria imagética, o diálogo com a existência humana em suas singularidades. Mas, principalmente, reside na narrativa a possibilidade coletiva de criar, recriar e transformar situações imaginárias, sendo estas referências para a vida.

A leitura do texto pode ter muitos desdobramentos. Barthes (2004) aponta o caráter dessa prática que, além de ampliar o repertório do leitor, amplia também a fruição, a experiência do assombro, o entusiasmo dos sentidos. Estamos diante de uma ficção, mas ao mesmo tempo imersos em um mundo que, naquele momento, se faz realidade.

O relato de Rubem Alves¹ reafirma a experiência estética própria da leitura do texto:

Ler, para mim, é importante porque “dá alegria”, diz. Resolvi reler os Cem anos de solidão. Mentiras do princípio ao fim. Invenções da imaginação do Gabriel García Márquez! Mas fiquei possuído, mais possuído do que na primeira vez. Lembrei-me do que disse o poeta Paul Valéry: ‘Que seria de nós sem o socorro daquilo que não existe?’ Nos livros encontramos as coisas que não existem, que nos podem socorrer.

E as “coisas que não existem” podem habitar o indivíduo após o término da leitura, transpondo a ficção na medida em que o leitor reflete acerca do que foi lido, estabelecendo relações com sua própria existência, aprendendo. E passam à condição das “coisas que existem”. É o que afirma Lajolo:

¹ Disponível em: <http://cariricaturas.blogspot.com/2009/09/rubem-alves.html>. Acesso em novembro de 2012.

É a literatura porta de um mundo autônomo que, nascendo com ela, não se desfaz na última página do livro, no último verso do poema, na última fala da representação. Permanece ricocheteando no leitor, incorporado como vivência, erigindo-se em marco do percurso de leitura de cada um. (Lajolo, 1982, p. 43).

No que tange as diferentes maneiras de ler, GERALDI (1984) descreve: leitura das linhas, entrelinhas e além das linhas, em uma produção de sentidos contínua e progressiva do ato de ler. Assim, a leitura primeira, das linhas, deve dar lugar à percepção das entrelinhas e, posteriormente, por meio de reflexão e comparação do que é lido com as experiências de vida e saberes de cada leitor, alcançando um estado possível de leitura além das linhas, que dirime a suposta impressão primeira de obviedade, do que está aparentemente descrito, em uma atividade rica e comparativa. Dessa forma, contextos se relacionam. O contexto do leitor com o da obra. O período histórico, social e político de quem lê com o do autor e sua produção. Segundo Góes (1984, p.29) “O livro só cumpre o ciclo completo de seu destino quando cada leitor o torna seu, o assimila, o objetiva e vive as sugestões que ele provoca”.

Entretanto, para ler e escrever, assimilando e significando, o sujeito precisa estar imerso em diversas situações. Quanto mais intensas as experiências e mais rico o contexto, maior a possibilidade do desenvolvimento de uma linguagem criativa e crítica durante a leitura. A maturidade do leitor se dá ao longo das inúmeras leituras que faz. Lajolo (1982, p. 53) afirma: “Leitor maduro é aquele para quem cada nova leitura desloca e altera o significado de tudo o que ele já leu, tornando mais profunda sua compreensão dos livros, das gentes e da vida”.

Portanto, a imaturidade muitas vezes se dá na superficialidade das inúmeras leituras, quando se preza a quantidade e não a qualidade. Tal atitude e crença pode criar uma visão enganosa de que houve assimilação. Entretanto, quantidade não quer dizer, necessariamente, qualidade.

A leitura requer tempo e reflexão e pode trazer inúmeros benefícios àquele que lê, entre os quais: ampliação de visão de mundo, compreensão de situações, alfabetização do humano em sua vida.

A decodificação do alfabeto é apenas consequência da decodificação do mundo. E quanto mais as crianças se maravilham com as situações que as cercam, mais têm vontade de representá-las. O início da leitura deslinda um território mágico, quando, em determinado instante, percebemos que as palavras são um reflexo da realidade e nos convidam a desvendar, desvelar e (re) conhecer novas situações.

4. LEITURA DE IMAGENS

As imagens estão presentes em nosso cotidiano e saber ler e interpretá-las é fundamental para que o trânsito e formação de opiniões de/no/sobre o mundo se dê de forma consciente e não direcionada. Ela envolve a interpretação e compreensão de

elementos visuais, a saber: núcleos, formas, texturas e composição geral da imagem. Dela são parte não apenas os elementos compositivos, mas também associações mais abstratas, incluindo emoções e sentimentos que evocam.

As imagens estão relacionadas ao sentido da visão. E o processo de percepção visual é muito interessante. Envolve várias etapas que acontecem quase instantaneamente em nosso cérebro. Podemos, a título didático, descrevê-lo em quatro etapas: a captura, quando a luz chega até o olho e é focada pela córnea e lente ocular, formando uma imagem invertida em nossa retina; a transdução, associada às células sensíveis à luz, que convertem a energia luminosa em sinais elétricos e são transmitidos para o cérebro através do nervo óptico; o processamento, referente às informações visuais, decodificadas em diversas áreas cerebrais e a percepção, que consiste na interpretação consciente das informações visuais. Neste processo, assim como descrito na leitura do texto, a experiência, os contextos e expectativas influenciam a decodificação dos estímulos. Dessa forma, o processo de percepção visual começa com a captura da luz pelos nossos olhos e termina com a interpretação das informações visuais pelo cérebro. É um processo complexo e fundamental para a nossa interação com o mundo.

Ao olharmos uma imagem que para nós é significativa, uma série de impressões geram narrativas fundamentadas em experiências de vida. Em um curso de extensão intitulado “O amor nos tempos do cólera”, levado a termo na Universidade Federal do Tocantins e na Universidade Federal Fluminense, os participantes, dialogando e comparando lembranças, elegeram cenas marcantes do cinema, novelas, internet ou meios impressos que os influenciaram na construção da ideia do amor. Concluindo que o amor romântico, veiculado pelas mídias, pode tornar-se uma exigência, constituindo importância ímpar na construção da noção individual e coletiva desta temática. Assim, muitas pessoas buscam parceiros que atendam aos “requisitos” midiáticos, observados desde a infância nestes meios. Muitas vezes, de forma inconsciente, é realizada uma seleção de possíveis companheiros balizada por construções fictícias que, como citado anteriormente, terminam por ancorar na realidade. O que o leitor pensa sobre o assunto? Há alguma cena específica, seja em filmes ou novelas, que mobiliza sua noção de relacionamento perfeito ou desejo?

Entretanto, a função das imagens é múltipla. Elas também podem informar acerca de lugares que nunca estivemos ou chamar a atenção para detalhes e fatos que, habitualmente, não são percebidos. E manipular ou maravilhar. Um exemplo são as fotografias de agências de turismo que divulgam e promovem viagens ao Egito. Um enquadramento fechado nas pirâmides, com camelos ao fundo, é um formato conhecido que maravilha o observador. Entretanto, bastaria uma pesquisa mais minuciosa, em outros sites, para que seja averiguada a condição precária dos moradores locais, ao redor das pirâmides, em extensas favelas. Barbosa alerta:

[...] todos sabemos o quanto uma criança, desde mais ou menos sete anos, está “formada” pelos padrões da lógica do certo e do errado, o quanto suas

possibilidades de perguntar sobre o que pode ser estão enquadradas em regras pré-estabelecidas. Daí para frente ela busca sempre acertar, guiando-se pelo que “parece estar de acordo” (Barbosa, 2012, p. 29).

Assim, educar para a consciência, pesquisa, comparação e leitura crítica do que se vê é fundamental para que o diálogo entre os estímulos do mundo externo e construções internas tenha qualidade e lucidez.

5. ENTRELAÇAMENTOS

A leitura do texto, do corpo e da imagem, a princípio, oferece a falsa impressão de que acontece em diferentes espaços, compondo múltiplas representações e impressões de mundo. No entanto, no cotidiano experimentamos tais atos de leitura, que ocorrem simultaneamente e em diálogo, revelando percepções tecidas num conjunto onde a própria vida se configura como página.

Assim, ficção e realidade são conectadas e constroem nossa existência a partir das experiências e do nosso imaginário. Importante apontar que a forma como percebemos e interpretamos tais estímulos, muitas vezes considerados recorrentes e comuns pode, se aprimorada, ampliar nossa percepção e concepção de mundo, transformando o ato de viver, desenvolvendo o pensamento crítico e empático diante do que nos é apresentado. Nesse sentido, promover olhares humanizados e de importância para os detalhes do dia a dia, gerando modificações na própria estrutura material dos espaços da convivência humana, é um ato educador. A realidade, assim vista em seus aspectos singulares, se traduz em encantamento e consciência, na medida em que a arte representa e configura o viver. Ademais, vale ressaltar que a diversidade cultural, em sua multiplicidade, promove oportunidades de ampliação de repertório e percepção.

Dessa forma, ler corpos, textos e imagens situam o humano no mundo e os constitui. Freire (2001) compartilha o valor da “palavramundo,” em um hibridismo entre leitura e realidade.

A decifração da palavra fluía naturalmente da “leitura” do mundo particular. Não era algo que se estivesse dando superpostamente a ele. Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi o meu quadro-negro; gravetos, o meu giz.

Por isso é que, ao chegar à escolinha particular Eunice Vasconcelos, cujo desaparecimento recente me feriu e me doeu e a quem presto agora uma homenagem sentida, já estava alfabetizado. Eunice continuou e aprofundou o trabalho de meus pais. Com ela, a leitura da palavra, da frase, da sentença, jamais significou uma ruptura com a “leitura” do mundo. Com ela, a leitura da palavra foi a leitura da “palavramundo” (Freire, 2001, p. 15).

A leitura e a presença no mundo, na citação anterior, estão vinculadas pelas afetividades e percepções, num processo de ensinar e aprender.

Podemos inferir que a leitura de mundo é um processo que, em maior ou menor escala, faz parte da vida de todos os indivíduos, formando noções daquele, a partir de diálogos subjetivos e interação com o mundo, num contínuo processo de transformação.

Em discurso apresentado na abertura do Congresso de Leitura do Brasil, realizado em Campinas, em novembro de 1981, Paulo Freire afirmou que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Ao discorrer sobre a importância do ato de ler, ele declarou:

[...] A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. Ao ensaiar escrever sobre a importância do ato de ler, eu me senti levado – e até gostosamente – a ‘reler’ momentos fundamentais de minha prática, guardados na memória, desde as experiências mais remotas de minha infância, de minha adolescência, de minha mocidade, em que a compreensão crítica do ato de ler se veio em mim constituindo. Ao ir escrevendo este texto, ia ‘tomando distância’ dos diferentes momentos em que o ato de ler se veio dando na minha experiência existencial. Primeiro, a ‘leitura’ do mundo, do pequeno mundo em que me movia; depois, a leitura da palavra, que nem sempre, ao longo de minha escolarização, foi a leitura da palavramundo (Freire, 2003, pp. 11-12).

“Linguagem e realidade se prendem dinamicamente.” O mundo se manifesta nas diferentes leituras, que convergem, em uma mônada existencial. Podemos dizer que na leitura do texto e imagem estão os corpos dos personagens e imagens que criamos em nosso imaginário, bem como os corpos do leitor, que reagem aos estímulos do que é lido e visto. Na construção dos corpos, está a escrita que nele imprimimos, para que seja feita a leitura que se apresenta em uma narrativa ou no caminhar da realidade cotidiana. Na leitura de imagem, criamos textos imaginários, em palavras que narram em nossa mente o que é visto e nosso corpo é mobilizado a reagir aos estímulos. Assim, todas as experiências dialogam, no território da realidade.

Portanto, ler é estender a imaginação para além das fronteiras.

Aquele que apreende a enunciação de outrem não é um ser mudo, privado de palavra, mas, ao contrário, um ser cheio de palavras interiores. Toda a sua atividade mental, o que se pode chamar o “fundo perceptivo”, é mediatizado para ele pelo discurso interior e é por aí que se opera a junção com o apreendido pelo exterior. A palavra vai à palavra (Bakhtin, 2002, p. 147).

Afinar o mundo exterior com o interior é lapidar o processo de percepção e constituição do eu no mundo. Entretanto, perceber é um risco. Estar no mundo implica experimentar estímulos de diversas fontes, que podem ou não ser agradáveis. A realidade exerce uma autonomia cujo controle nos escapa, pois ela é constituída pela relação entre pessoas, situações e ambiente. E, nesse cenário, somos apenas um componente e nem sempre podemos escolher o que nos incita ou não. Mas nossos cinco sentidos, alertas aos recados da realidade percebida, ensinam o corpo a conversar com o ambiente, de

forma a devolver a ele mensagens, em forma de reações ao que sentimos. Por exemplo, um gosto amargo de um alimento pode gerar uma contração no rosto, assim como um sabor adocicado, o relaxamento da face. Seria simples, não fosse a interpretação e o desenvolvimento de um gosto singular de cada indivíduo. Retomemos os exemplos para apontar a complexidade das afirmações. Uma pessoa que aprecie o amargo não terá uma contração, bem como aquela que não suporta os aromas doces pode não sentir relaxamento diante da experiência.

O homem, como podemos perceber ao refletirmos um instante, nunca percebe plenamente uma coisa ou a entende por completo. Ele pode ver, ouvir, tocar e provar. Mas a que distância pode ver, quão acuradamente consegue ouvir, o quanto lhe significa aquilo em que toca e o que prova, tudo isso depende do número e da capacidade dos seus sentidos. Os sentidos do homem limitam a percepção que este tem do mundo à sua volta. Utilizando instrumentos científicos ele consegue, em parte, compensar a deficiência dos sentidos (Jung, 2008, p. 22).

Para transitar neste cenário, fazem-se necessárias as leituras significativas de corpo, texto e imagem, abarcando o conhecimento que permite uma coautoria do real.

Nesse sentido, o ato de ler amplia repertórios perceptivos internos e externos, possibilitando a emergência de um campo ampliado de ser e estar no mundo.

Segundo Daniel Pennac (1993, p. 19): “A virtude paradoxal da leitura é de nos abstrair do mundo para nele encontrar algum sentido.”

Portanto, é claro que, na medida em que o texto mostra, ele oculta. É papel do leitor desvendar o que está oculto, implícito ou requer um juízo.

Portanto, podemos afirmar que realidade e leituras coexistem e são interrelacionadas. Para que um texto, um corpo e uma imagem sejam compreendidos, é preciso que o sujeito consiga perceber as relações existentes entre os estímulos, as subjetividades e contexto de mundo no qual vive.

Experimentando e observando, unindo suas experiências àquilo que é próprio do mundo, podemos ler, recriar, aprender, transformar e editar o real. Assim, percepção, interpretação e consciência podem nos ensinar sobre leituras, diálogos e espaços de aprendizagem:

Na tonalidade diferente de cores de um mesmo fruto em momentos distintos: o verde da manga-espada verde, o verde da manga-espada inchada; o amarelo-esverdeado da mesma manga amadurecendo, as pintas negras da manga mais além de madura. A relação entre estas cores, o desenvolvimento do fruto, a sua resistência à nossa manipulação e o seu gosto. Foi nesse tempo, possivelmente, que eu, fazendo e vendo fazer, aprendi a significação da ação de amolengar.

[...]

Daquele contexto – o do meu mundo imediato – fazia parte, por outro lado, o universo da linguagem dos mais velhos, expressando as suas crenças, os seus gostos, os seus receios, os seus valores. Tudo isso ligado a contextos

mais amplos que o do meu mundo imediato e de cuja existência eu não podia sequer suspeitar.

[...]

No esforço de re-tomar a infância distante, a que já me referi, buscando a compreensão do meu ato de ler o mundo particular em que me movia, permitam-me repetir, re-crio, re-vivo, no texto que escrevo, a experiência vivida no momento em que ainda não lia a palavra (Freire, 2001, p. 13-14).

Assim, a subjetividade e as diversas leituras assumem um papel primordial na existência e desenvolvimento do homem, em suas especificidades, criando um “universo significativo, em seu encontro com o mundo através da imaginação.” (Duarte Júnior, 2012, p.52).

A proximidade do contexto imediato com outros contextos, por meio de leituras de textos, corpos e imagens, fazem parte da composição do mundo interno, que reflete na estrutura do ambiente externo, gerando uma tecitura de experiências significativas. O homem transcende o presente e é criador de si, por natureza. E do mundo, por consequência.

REFERÊNCIAS

- ARNHEIM, Rudolf. **Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.
- BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da Arte**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2012.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 2004
- BOADELA, DAVID. **Nos caminhos de Reich**. São Paulo: Summus, 1985.
- CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade – estudos de teoria e história literária**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975.
- DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **Por que arte-educação**. Campinas: Papirus, 2012.
- DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **Fundamentos estéticos da educação**. Campinas: Papirus, 1994.
- DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **O que é beleza**. São Paulo: Brasiliense, 2009.
- DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **O que é realidade**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1989.
- GERALDI, João Wanderley. Prática da leitura de textos na escola. **In: Revista Leitura: Teoria e Prática**. Ano 3, julho/1984, n. 3. ALB. Campinas: Mercado Aberto.
- GÓES, Lúcia Pimentel. **Introdução à literatura Infantil e Juvenil**. São Paulo: Pioneira, 1984.

JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

KAST, Verena. **A alma precisa de tempo**. Petrópolis: Vozes, 2016.

LAJOLO, Marisa. **O que é literatura?** São Paulo: Brasiliense, 1982.

LOWEN, Alexander. **Exercícios de bioenergética: o caminho para uma saúde vibrante**. São Paulo: Summus, 2020.

NOVAES, Adauto. **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SILVEIRA, Nise da. **Imagens do Inconsciente**. Rio de Janeiro: Alhambra, 1981.